

Sonhando novas possibilidades: a propósito da separação dos pais como uma oportunidade de surgimento do terceiro*

RENATA PECHANSKY AXELRUD**

RESUMO – Este trabalho se propõe a pensar nos possíveis efeitos da separação dos pais na vida de uma pré-adolescente. Tendo em vista a díade mãe-filha e a tríade mãe-pai-filha, se busca o entendimento da separação através do viés da conflitiva edípica e seus processos identificatórios. Sendo a adolescência a etapa do desenvolvimento psicosexual em que os conflitos edípicos são revisitados e ressignificados, se propõe a separação dos pais como um novo elemento de triangulação. Utilizou-se o referencial psicanalítico para compreender este tema, com destaque para as ideias de Miriam Alizade, Françoise Dolto, Winnicott entre outros.

PALAVRAS-CHAVE – Separação dos pais. Adolescência. Conflitiva edípica. Triangulação.

Dreaming on new possibilities: about the parents separation as an opportunity of a third 's emergence

ABSTRACT – This article sets out to think about the possible effects of the parents separation on a prepubescent's life. Considering the mother-daughter dyad and the mother-father-daughter triad, this paper seeks to understand the separation through the bias of Oedipal conflictive and their identification. Considering adolescence as the stage of psychosexual development in which oedipal conflicts are revisited and reinterpreted, it proposes the parental separation as a new triangulation element. The psychoanalytical theory was used to support this topic, highlighting the ideias of Miriam Alizade, Françoise Dolto, Winnicott and others.

KEYWORDS – Parents separation. Adolescence. Oedipal conflictive. Triangulation.

Introdução

A separação dos pais comumente é vista como um assunto delicado no que diz respeito à família nuclear. O casamento por si só se configura como um movimento de união de dois indivíduos, originalmente separados. Sendo

* Trabalho apresentado na Jornada Interna do CEAPIA em 2015.

** Psicóloga, especialista em psicoterapia da infância e da adolescência pelo CEAPIA.

assim, não há como fugir da noção de ruptura e fragmentação quando se trata da separação de um casal. E é a partir dos filhos que o laço de amor se concretiza. Conseqüentemente, esses são a memória viva dessa união e possibilitam o registro da configuração familiar. Expande-se a relação a dois, acarretando a triangulação edípica.

Quando os filhos são expostos a situações como na que os pais encontram o divórcio como uma alternativa, surge o imperativo de novos processos de metabolização. Na adolescência, onde há a revivência do complexo de Édipo, será que se constituem novas identificações a partir das mudanças decorrentes da separação dos pais? Como fica a triangulação edípica?

Através do atendimento de uma menina, Bárbara, percebeu-se um distanciamento afetivo nas relações. A partir daí, notei-me intrigada em conhecer o casal de pais. Esse início de tratamento abriu a possibilidade de pensar acerca dessa temática.

O surgimento do laço conjugal - a história “narrada” em sessão

Para entender a história da criança ou do adolescente que chega em busca de atendimento, precisamos resgatar o maior número de “pegadas” registradas sob o caminho que vem sendo trilhado. Registros estes que contém marcas fundamentais para nosso entendimento do paciente, enquanto psicoterapeutas.

No intuito de investigar os caminhos desta família, um dos primeiros questionamentos que fiz aos pais de Bárbara foi como eles se conheceram. Para minha surpresa, Beatriz, a mãe, respondeu rapidamente que não se lembrava de nada, parecendo desqualificar minha questão. Um longo silêncio emergiu. Bruno, o pai, olhava para Beatriz, que baixou a cabeça imediatamente. Constrangido, ele iniciou sua fala. Contou que se conheceram durante a Faculdade de Administração, já que eram colegas em algumas cadeiras.

A ocasião em que Beatriz percebeu que estava grávida ocorreu logo após uma separação do casal, somada a outras que já haviam acontecido. Bárbara foi concebida em um momento conflituoso. Sozinha, Beatriz decidiu levar adiante a gravidez. Este cenário me fez pensar que ambos não estavam preparados como casal para incluir um terceiro na relação. Esse “modo automático” vem ao encontro da forma como eles descrevem a história a dois: com pouco afeto, sem pensar, nem planejar. Parecia que faltava um fio condutor que os abastecesse de significado. Não era uma história narrada, apenas descrita.

Durante a gestação, Beatriz referiu que se sentia muito sozinha e desamparada. Enfrentou uma importante depressão pós-parto que ocorreu no mesmo período em que seu irmão fez uma tentativa de suicídio.

Durante as entrevistas de anamnese, embora Beatriz e Bruno ainda estivessem casados, eles não pareciam um casal. Queixavam-se devido a filha estar distante, mas não demonstravam estarem próximos. Pareciam parceiros que

conviviam lado-a-lado, mas não juntos. Beatriz falava e Bruno concordava. E nos poucos assuntos em que ele opinava era retaliado pela esposa que o desqualificava, chamando-o de “guri”. No meu entender ela o colocava numa posição inferior quando o denominava de “mordomo da filha”, relatando que o marido só ficava encarregado de tarefas operatórias do dia a dia de Bárbara, como levá-la na escola, no inglês e na dança.

Para um melhor entendimento da situação familiar é importante nos reportarmos à história pessoal de Beatriz, que descreve momentos extremamente difíceis em sua infância. Traz um passado marcado por condições precárias de moradia e segurança pessoal, precisando ajudar os pais com afazeres domésticos desde muito cedo, abdicando dos prazeres da infância e da adolescência. Não teve espaço para ser criança, apenas sendo considerada na sua utilidade como a primogênita que tinha que “mostrar serviço” para ser valorizada. Foi educada de forma extremamente rígida e exigente, precisando se adaptar às demandas do ambiente e se “independizar às pressas” (sic). Sendo assim, referia preferir não lembrar de seu passado, “tocando a vida como dá” (sic).

O pedido de Bárbara

Bárbara, aos doze anos, chegou para tratamento pedindo ajuda, pois começara a apresentar baixo rendimento na escola, o que lhe causava estranheza, já que sempre foi boa aluna. Além disso, se sentia muito incomodada com o jeito autoritário como a mãe controlava seus estudos, relatando sentir-se muito pressionada.

Aos olhos da mãe a menina era preguiçosa. Mas, ao mesmo tempo, referia outras dificuldades da filha: problemas na relação com o pai e afastamento dos familiares e das amigas.

Bárbara: no imaginário dos pais, no meu imaginário e no real

Os pais de Bárbara descreviam-na como uma menina muito séria e fechada. Ao refletir, o pai se dava conta que de tanto chamarem a menina de fria e distante, acabaram colocando-lhe um rótulo ao qual ela pode ter-se identificado. A mãe parecia não se importar com isso, trazendo como a principal marca da filha que ela era preguiçosa e acomodada. Entretanto, ressaltava uma qualidade que valorizava na filha, pois se identificava: quando Bárbara queria alguma coisa ia até o fim, passando por cima de tudo e de todos.

Nas sessões, a menina se apresentava de forma arrogante, assim como a mãe. Tinha uma postura rígida e formal, parecendo uma menina de mais idade. Séria e contida, mas através do corpo inquieto revelava muita angústia. De tantos adjetivos que ouvira de seus pais acerca de Bárbara, confesso que fiquei com

a impressão de conhecê-la já no primeiro encontro. Era como se a minha mente estivesse lotada de monstruosas partes da menina. Entretanto, para a minha surpresa, Bárbara não me causava rechaço. Pelo contrário, eu sentia vontade de ajudá-la ao imaginar a convivência com esses pais. O que me chamava atenção é que, desde o início dos nossos encontros, quem trazia Bárbara para tratamento era o “pai-mordomo”.

A relação mãe e filha: onde está a ternura?

Bárbara sempre foi uma criança muito exigida pela mãe. Cito alguns exemplos: A menina tinha que tirar notas muito altas na escola, senão levava castigos longos, ficando sem tudo que gostava. Quando Bárbara começou a se reunir na casa dos amigos, Beatriz já imaginava cenas promíscuas de sexo e drogas. Penso que a preocupação excessiva da mãe foi se configurando como uma exigência para a menina.

A forma como foi se construindo a relação de Bárbara e sua mãe me remeteu ao artigo “Roteiros narcísicos dos pais” (Manzano, Palacio Espasa, Zilkha, 2001). Os referidos autores, se apóiam em outros autores, tais como Selma Fraiberg, Fonaghy et al., Cramer e Raphael Leff que descrevem problemas de relacionamento na interação pais-filho, destacando um aspecto importante, o qual denominam de “deslocamentos narcísicos”: as fantasias narcísicas que usurpam a realidade e afetam tal relação, como a repetição de experiências infantis negativas da mãe no seu relacionamento com seus filhos, através de mecanismos inconscientes de identificação com o agressor.

Penso que Bárbara está submetida à identificação complementar da sua mãe. Explico: Beatriz, na sua função de mãe, foi desenvolvendo um jeito rígido e autoritário, possivelmente se identificando com seus próprios pais. Sendo assim, por meio de uma satisfação narcísica, pode ter um controle sobre eles. A sensação de ser extremamente exigida permaneceu com ela na sua única forma de se relacionar: exigindo dos outros as faltas que experimentou na sua infância. A liberdade que não tivera (ou que tivera em demasia, já que se sentia “solta” por seus pais) ficou representada como uma ameaça à vida.

Portanto, a forma de cuidar de Bárbara se dá através da superproteção materna, encoberta por um medo de que algo semelhante a sua história aconteça com a filha. Essa sombra de Beatriz recai sobre Bárbara, por meio da sombra dos objetos internos de seus próprios pais. A mãe projeta seus fantasmas, que seguem assombrando-a, na relação com a filha.

Em outro artigo denominado “Excesso e falta de frustração: possíveis consequências para a formação do pensamento na criança” (Barbosa, Milman, 1995) as autoras trazem que o bebê que não pôde ser atendido nas suas necessidades, ou seja, que não pôde experimentar o importante momento de ilusão, é exigido (se pensarmos no sentido de um excesso) de duas formas:

precisando se adaptar às necessidades do ambiente e sendo atingido por invasões externas. Perturbado, ele precisa reagir acima de suas capacidades desenvolvidas até o momento.

Desde pequena, Bárbara experimentou um padrão desarmônico para adormecer. Beatriz tinha o hábito de controlar o tempo que a filha levava para dormir através de uma atitude arbitrária: se Bárbara demorasse muito para adormecer, seguramente levaria castigo no dia seguinte. À medida que a menina foi crescendo, evitava o contato com a mãe no turno da noite, concentrando-se em si mesma. Voltando ao artigo acima, pode-se pensar que a recusa à presença da mãe poderia resultar de uma oposição da menina ao comportamento intrusivo materno, sendo essa sua única forma de reagir: através da ação.

A partir disso, o roteiro narcísico dos pais se estrutura: assim como seus pais não enxergavam Beatriz como uma menina com necessidades e vontades próprias, ela não consegue enxergar a filha. Apenas executa um cuidado autoritário e vigilante, que julga ser eficiente, já que assim consegue transmitir à menina um sentido de poder e força. Mas esta forma de se relacionar à distância da filha e a função de ternura fica substituída por aspectos fálicos, exigentes e dominadores. Bárbara, apesar de sentir a mãe muito perto, não a sente próxima. Se queixa por a mãe a estar sempre vigiando e se mostra insegura e exigente consigo mesma.

A díade, a falta e o surgimento do terceiro

Mesmo no início, onde há a importante fusão da díade mãe-bebê, não há a exclusão da triangulação mãe-pai-bebê, da qual a criança constitui um pólo no momento de sua concepção. Dolto (1989) ressalta a presença da voz do pai durante a vida fetal, acrescentando que após o nascimento do bebê, é preciso que a mãe enfatize a voz do pai para que esta tenha valor. No caso de Bárbara, podemos pensar que Beatriz considera a filha como se fosse só dela. Bárbara não se voltou para o pai, ocorrendo uma triangulação precária. Isto porque o pai só pode assumir importância na vida da criança pequena se a mãe falar nele, ou melhor, através da forma como a mãe fala dele (Dolto, 1989).

Desde o primeiro contato com a mãe de Bárbara, esta ressalta o quanto a filha nunca se encantou pelo pai. Pode-se pensar que esse espaço para o pai ficou desinvestido pela díade, tendo pouco valor. Dolto (1989) salienta que a menina tem por si mesma uma reação direta diante do pai, uma atração direta por ele. Porém, isso se desenvolveu de forma precária na triangulação de Bárbara.

A intensa díade mãe-filha, colorida por aspectos maternos invasivos, e a pouca voz do pai evidenciaram a quase ausência de uma terceira figura. Dolto (1989) descreve que a criança que é criada por uma única pessoa é obrigada a se identificar com esta. Suas pulsões ativas e passivas são destinadas a essa pessoa, ocupando sozinha os dois pólos de triangulação originária. Levando em

conta a linha de raciocínio de Winnicott (2001), nessa estruturação, Bárbara só tinha duas alternativas: ser engolida pela mãe ou afastar-se violentamente dela. Até o momento da separação dos pais, essas eram as únicas possibilidades pelas quais a menina transitava. Entretanto, segundo o entendimento de Dolto (1989) quanto ao divórcio nesses casos, me arrisco a pensar que poderia surgir uma outra alternativa para Bárbara no que diz respeito à estruturação da triangulação edípica e, conseqüentemente, às vias de identificação.

O motivo da separação dos pais foi em decorrência de Beatriz não suportar que Bruno pudesse investir em algo seu, individual, fora da vida em comum. Bruno iniciou uma segunda faculdade e Beatriz ficou enciumada, referindo que o marido não dava mais atenção para a família.

Alizade (2008) nos ajuda a pensar que quando não há mais “a exclusividade do seu amado” (p. 30) para um membro do casal que necessita disto, e um interesse de fora entra em cena, há um elemento de triangulação que se apresenta. Pode-se fazer a hipótese de que inconscientemente Beatriz escolheu Bruno como objeto de amor por contar com essa exclusividade, já que ela necessitava disso. Sendo ele um homem mais dependente, frágil e inseguro, Beatriz ficava muito fortalecida e valorizada nas suas funções de esposa e mãe.

Não suportando a mudança de posição de Bruno, Beatriz comporta-se de forma invasiva ao exigir que o marido rejeite uma atividade que para ele estava sendo prazerosa. Então, Bruno propõe a separação. Assim, se instaura uma nova configuração onde podemos pensar que o divórcio representa um elemento de triangulação vivo (Alizade, 2008/1992).

Possíveis identificações? - revisitando o complexo de Édipo

O questionamento com que me deparo é se Bárbara poderia se identificar com essa nova representação de pai potente, mais forte e não castrado. Bruno, antes visto aos olhos da esposa como uma figura frágil, dependente e omissa, assume outra postura.

Aqui encontro a necessidade de abordar alguns construtos teóricos a fim de dar seqüência ao meu entendimento. Refiro-me à complexa rede de identificações bissexuais, feminina e masculina que constitui o self.

Freud (1920-1922/1996, p. 109) destaca que “a identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo”. Se pensarmos no exemplo de uma menina, Freud nos ajuda a entender que ocorrem dois movimentos paralelos: a menina desenvolve uma catexia de objeto sexual direto com o pai e, ao mesmo tempo, identifica-se com a mãe, tomando-a como modelo. Através do complexo de Édipo, o desenvolvimento desses laços psicológicos se reúnem, possibilitando um sentido unificado de vida mental.

Em um segundo momento, pode-se incluir a experiência inconsciente ou o “saber inconsciente” (McDougall, 1997, apud Ribeiro, 2009) que a criança vai construindo a partir da cena primária, ou seja, a primeira vivência de relações sexuais humanas através dos pais. Essa exposição à imagem do casal parental e suas identificações bissexuais formam o inconsciente biparental.

Onde há um ambiente de respeito em que ambos os pais puderam autorizar-se um ao outro, há a interiorização de figuras masculinas e femininas que mantém entre si contato e diferenciação. Assim, ocorrendo uma união de dois pólos: o masculino e o feminino, sem anulação mútua.

Caso haja a prevalência da dificuldade em considerar o outro, de coexistir ambos os sexos, se cria um ambiente de desprezo em que há a interiorização de uma imagem onde os personagens se atacam ou se desprezam. Sendo assim, um dos sexos se torna despótico e autoritário, dirigindo-se contra o sexo oposto. Não há diferenciação, tampouco pode haver união, acarretando uma figura dos pais combinados.

Pensando nas duas situações acima, Ribeiro (2009) nos ajuda a concluir que “a constelação identificatória bissexual de um adulto é decorrente do infundo trabalho de elaboração do complexo de Édipo, desse barro que somos feitos, e sempre seremos constituídos” (p. 147). Sendo assim, a bissexualidade psíquica contribui para o reconhecimento das diferenças, da alteridade. Ao tomar a decisão do divórcio, podemos entender Bruno como um castrador, na medida em que faz o corte tanto real quanto simbólico, “reposicionando” as diferenças na trama identificatória singular de Bárbara.

Fiorini (2014), ao se basear em Lacan, traz o construto do autor que entende o complexo de Édipo prioritariamente como um complexo de castração, enfatizando seu valor estruturante. Ao pensarmos no complexo de Édipo na contemporaneidade, a autora fala da importância de não se deixar de lado o caráter da triangulação como uma narrativa que possibilita, na clínica, uma historicização de conflitos referentes a desejos, identificações e fantasmas.

Com a chegada da adolescência, sabemos que há uma revivência e uma ressignificação edípica. Ribeiro (2009) nos lembra que a entrada no complexo de Édipo supõe uma “consciência de outriedade”, ou reconhecimento da “externalidade”, sendo o pai o principal representante deste fenômeno.

A hipótese que sugiro se refere à execução da função paterna: talvez nesta nova configuração, em que Bruno exerce a “função terceira” (Fiorini, 2014, p. 50), poderia instituir a diferença entre os sexos, reconhecendo também a filha em sua alteridade, antes submetida às projeções maternas.

Lionço (2007) ressalta que a constituição do eu, através dos processos de identificação implicados no Édipo, é amparada de forma concomitante por aspectos de ambos os sexos e pelas próprias diferenças sexuais entre masculino e feminino. Com a diferenciação entre os sexos e o espaço que se abre para a referência masculina, outra via de identificação pode vir a se desenvolver. A par-

tir do novo elemento de triangulação, Bruno e a filha podem representar novos personagens na narrativa edípica.

Os entendimentos de Dolto (1989) acerca da separação dos pais abarcam a importante ideia de que o divórcio pode ser encarado pela criança como um fator de amadurecimento. É na condição de adulto responsável que o pai de Bárbara assume suas responsabilidades, podendo dar continuidade a sua vida de forma saudável. O exemplo de casal que está em desacertos poderia prejudicar a criança, mas como os pais decidem por não estarem mais juntos e existe a possibilidade do divórcio, isso pode não atormentá-la. “Quem se divorcia está vivo” (p. 35) e a criança sente a verdade naquele que busca a separação.

Alizade (2008) corrobora esta posição referindo que o motivo do divórcio pode ser decorrente da intenção positiva de desejar empreender novos caminhos mais satisfatórios, que inevitavelmente exigem uma ação de ruptura. A autora afirma ser uma busca pelo renascimento, passando para uma nova etapa de vida. Podemos pensar que de forma intensa a voz de Bruno se fez presente para a filha.

Considerações finais

O presente trabalho teve como finalidade articular o tema da separação dos pais com as vivências de Bárbara, uma pré-adolescente às voltas com seus conflitos. Objetivou-se contribuir para o complexo mundo dos jovens, relacionando conceitos e dinâmicas próprios desta fase do desenvolvimento.

À medida que a temática da separação dos pais foi aparecendo em sessão, pude notar uma maior aproximação de Bárbara com seu pai nos dias em que a menina frequentava a casa do mesmo, nos almoços durante a semana ou em jantares em que escolhia o lugar onde ela e o pai iriam. Ficou evidente, através das comunicações da paciente, como ela pôde identificar e valorizar a atitude de Bruno em exercer suas vontades, momentos em que Bárbara conseguia ter crítica sobre o comportamento de controle e sentimentos de ciúmes da mãe. Penso que o trabalho com a paciente se deu à nível de entender a atitude do pai como um símbolo de reconhecimento das diferenças, da alteridade.

Uma fala de Bárbara chamou minha atenção quando referiu que há muito tempo já sabia que seus pais iriam se separar. Salientou que esperava por isso, em tom de alívio. Sinto que há uma grande parcela de alívio para ela, já que a busca de Bruno pela segunda faculdade, que foi motivo de separação, pode ser entendida como metáfora: abre-se, quem sabe, uma possibilidade de oxigenar e entrar mais vida nestas relações.

Acredito que a alternativa da separação dos pais como surgimento do terceiro pôde contribuir para o caminho de Bárbara rumo à sua independização, fazendo-se criar, talvez, uma nova via de identificação com seu pai. Para finali-

zar, lembrei-me de um poema do Celso Gutfreind que traduz, com sensibilidade, o que a história de Bárbara me fez refletir.

Dentro Sonho Fora

O que queria mesmo é não lançar
O que queria mesmo é não dizer
Passar a vida com originais
Quietos no estado de um sonho
Para dentro de um olhar sem vento
Na certeza de que eles chegariam
Ao vácuo e à perfeição um dia
Redondos pela sua superfície
Guardados infinitos no interior
Porém de súbito os originais
Colados já ao que existia saem
Do olho com o vento e com a vida
E vêm soprar sentidos aqui fora
Intensos e imperfeitos como nós
(Gutfreind, 2013)

Referências

- ALIZADE, A. M. (2008). *La pareja rota: ensayo sobre el divorcio*. Buenos Aires: Lumen.
- DOLTO, F. (1989). *Quando os pais se separam*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- FIORINI, L. G. Repensando o complexo de Édipo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.48, n. 4, p. 47-57, 2014.
- FREUD, S. (1920-1922/1996). *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.
- GUTFREIND, C. (2013). *Poesia - Em defesa de certa desordem*. Porto Alegre: Artes e ofícios.
- LIONÇO, T. (2007) *Seria possível afirmar a identidade sexual? O eu entre o narcisismo e as identificações bissexuais*. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v.14, n. 2, p.329-358.
- MANZANO, J.; PALACIO ESPASA, F.; ZILKHA, N. (2001). *Os roteiros narcísicos dos pais*. São Paulo: Livro Anual de Psicanálise - XV, 37-47.
- BARBOSA, X & MILMAN, C (1995). *Excesso e falta de frustração: possíveis conseqüências para a formação do pensamento na criança*. Publicação CEAPIA: Revista de Psicoterapia da Infância e Adolescência.
- RIBEIRO, M. (2009). *De mãe em filha: a transmissão da feminilidade*. Doutorado em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.
- WINNICOTT, D. W. (2001). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.